



O MONUMENTO DE QUINTA FEIRA SANTA EM SEVILHA.

SUMPTUOSAS e graves são geralmente na Península as solemnidades religiosas, sobre tudo as mui augustas com que a Igreja catholica celebra a Semana, *santa* por excellencia. Em a nobre e antiga Sevilha se fazem com excessiva pompa; mas o que nessa cidade, e por esse tempo, mais captiva a attenção dos estrangeiros é o deposito, erecto na sé, e destinado unicamente para encerrar o Senhor em Quinta feira Maior; chamam-lhe vulgarmente «o monumento» e é famoso em toda a Hespanha, correspondendo á magnificencia e grandioso apparato com que o cabido celebrava as ceremonias desta semana. — Levanta-se debaixo de uma das abobadas do cruzeiro entre o espaço, dito charola, e a porta grande, sobre o local da sepultura de litterato D. Fernando Colon. Delineou esta obra magnifica o mestre Antonio Florentim, e dando-lhe principio em 1547 a concluiu em 1554: constava então de tres corpos, rematando com a cruz: as estatuas foram lavradas pelos melhores esculptores que nessa

epocha tinham nome: depois lhe accrescentaram o quarto corpo; e tem sido restaurado por vezes no tocante a ornatos. É construido de madeira e estuques, formando um composto de bella architectura com quatro frentes livres. O primeiro corpo contém 16 columnas doricas, grupadas ás quatro e apresentando duas em cada frente, sustentando o entablamento geral: tem dentro outro menor, constando de columnas pequenas que recebem uma cupula á maneira de baldaquino; ahi se colloca a famosa custodia de Juan d'Arfe, com uma urna de ouro, que encerra a Sagrada Forma; sobe-se a elle por um lanço de degraus. O segundo corpo é da ordem jonica, com 8 columnas, e no centro quatro e posta no meio a imagem do Salvador: sobre oito pedestaes, onde se leem inscripções latinas, levantam-se as estatuas, de obra de 14 palmos, que figuram Abrahão, Melchisedech, Moysés e Aarão, e as allegoricas da Vida eterna, da Natureza humana, da Lei antiga, e da Lei da Graça: nos in-

tervallos dos pedestaes corre a balaustrada. A terceira divisão só tem 8 columnas corinthias; collocado no centro o Senhor preso á columna: é circumdado pelas figuras de S. Pedro, Salomão, a rainha Sabá, o sacerdote do conselho, o sayão da bofetada, o soldado que jogou a tunica inconsutil, Abrahão e Isaac. Coroam este terceiro corpo pyramides com globos dourados. — A quarta divisão, o supplemento moderno, na verdade apoucado, é da ordem composita; nem guarda proporções com os demais, nem com o todo da obra; tem a forma circular, e sobre a cupula, que sustentam pilastras, está arvorado o Santo Crucifixo. — A altura total do monumento é de 120 pés castelh. (*) e o seu diametro na base é de 80. — Em tempos antigos illuminava-se com grande esplendor e profusão, para o que, segundo o testemunho de um escriptor do seculo 16.º, se gastavam só em velas e tochas tres mil libras de cêra, alem de 128 lampadas de prata que estavam accesas.

CHRISTIANISMO — PHILOSOPHIA.

A EXISTENCIA de uma doutrina moral contém necessariamente em si a existencia de muitos factos: as acções dos homens são as substituições das fórmulas, por assim dizer, algebricas, chamadas ou crenças religiosas ou theorias de officios e deveres. Toda a importancia de qualquer sciencia de applicação deriva-se não tanto della como dos seus resultados praticos, e é por elles que devemos avalia-la. A sciencia dos actos humanos pertence a esta categoria.

Quando a moral se firma nas revelações buscadas no céu denomina-se religião: quando nas inspirações espontaneas da consciencia denomina-se lei natural; quando no estudo das relações sociaes, e nas consequencias logicas do grande principio humano chamado sociabilidade, denomina-se philosophia. Estas tres especies de normas d'acções conduzem forçosamente a resultados differentes, porque as suas condições são diversas.

Philosophia — consciencia — religião: tres fontes do bem obrar; de tudo quanto ha grande, bello, e generoso no desterro da vida. Qual dellas é mais pura e caudal?

A religião: porque a religião não fluctua nos seus preceitos, acceita o homem como um typo de miseria e da grandeza, como corpo e como espirito, e exige de nós a moralidade em nome de uma causa final — a vida das recompensas.

Ligados com especulações ontologicas, com doutrinas metaphysicas, vacillantes, contestaveis, e perpetuamente contestadas, os principios moraes das escholas philosophicas tem seguido de perto, arrastados por ellas, todos os desvarios dessas doutrinas até o nosso tempo. Quem nos diz que as de hoje não serão regeitadas como erros, ou, mais rigorosamente, quem nos diz onde está a razão, e a verdade no meio do combate, que ainda dura entre as diversas parcialidades, nesta provincia do mundo intellectual? Quem nos diz que a nossa sciencia não será materia de riso para a geração que ha-de succeder-nos?!

A historia da philosophia é a historia de um edificio começado ha milhares d'annos, em que um seculo revolve os fundamentos que outro lançou, para lançar os seus, os quaes igualmente são revolvi-

dos pelo seculo seguinte, cujos trabalhos condemnará o que vier apoz elle.

Desde a moral de Platão deduzida do amor da formosura divina; desde a moral de Epicuro, moral negativa, que põe o profundo desprezo da humanidade como pedra angular do proceder humano: desde as escholas da Grecia até o materialismo grosseiro dos encyclopedistas, que maxima, que regra de acções deixou de ter altares, deixou de ser condemnada? Nenhuma.

Constancia, perpetuidade, só a tem os preceitos immutaveis das crenças religiosas.

Substitui, porem, o individuo á eschola: substitui a inspiração da consciencia aos raciocinios do entendimento, mais incompleto, mais vacillante e mais esteril será ainda o sentimento moral.

De que dependem os affectos do coração? Da indole e engenho do homem, da sua educação, habitos, propensões, e até da sua physiologia. Mais: a doença ou a saude, a felicidade ou o infortunio, fazem variar o seu modo de sentir em relação aos seus semelhantes. Os instinctos da consciencia só podem por isso produzir a anarchia moral, a contradicção dos actos humanos.

A virtude sem fé não tem verbo que a explique; é uma linguagem escripta com caracteres hieroglyphicos, que se veem sem se comprehenderem, e em que os eruditos só encontram materia de discussão e de conjecturas.

Estas considerações rapidas e abstractas tornam-se mais evidentes, applicando-as ás doutrinas especiaes, e a um aspecto unico destas. Deixemos de parte a fonte moral da consciencia, que ora derrama o mel, ora o absinthio; ora verte o balsamo das consolacões, ora é arida como o rochedo tostado de serra-nia nua e erma, e que será sempre na terra um acaso, ou um mysterio. Chamemos á prova a philosophia do nosso tempo e a religião do nosso paiz: estabeleçamos a comparação entre ellas no mais grave e importante dos seus resultados — a beneficencia.

D'onde viemos nós os que ora vivemos? — qual é a nossa filiação intellectual e moral? A geração presente veio de uma geração argumentadora e incredula; a nossa epocha veio de uma epocha em que o orgulho dos homens chamou a crença divina de dezoito seculos ao tribunal humano de uma dialectica implacavel: nascemos no meio das blasphemias e alaridos dos inimigos do Evangelho: assistimos ainda aos ultimos dias do julgamento: ainda ouvimos condemnar a doutrina de Jesus porque era indigna da grandeza de Deus, e porque não era atheistica; porque era severa, e porque era indulgente; porque era copiada de crenças antigas, seguidas largos annos por milhares d'homens, e porque era impossivel segui-la; porque era perturbadora dos estados, e porque era um elemento de servidão. Afferido pelas opiniões mais oppostas, e no fim regeitado por contrario a todas ellas, vimos o christianismo expulso do templo da philosophia, e a cruz desterrada como um symbolo inutil. As escholas dos sophistas que não podiam convir entre si no minimo ponto de doutrina, concordaram todavia n'um resultado: foi este, que a religião, clara, definida, acceita pelas mais profundas e vastas intelligencias que o mundo produzira em perto de dois mil annos, origem de innumeraveis acções nobres, formosas e sublimes, causa principal e quasi unica de todo o progresso das sociedades modernas, era absurdo e mentira, era um mal intoleravel, e

(*) 152 palmos portug.: o diametro 101 $\frac{3}{10}$ ditos.

que no cahos monstruoso, cambiante, incerto das doutrinas contradictorias dos sophistas, que nem um só bem haviam trazido á terra, nem enchugado uma lagryma, nem gerado uma consolação, nem inspirado um só feito generoso e forte, estava a verdade, a evidencia, a felicidade, e o fundamento seguro do crêr e do obrar humano.

Era demasiado demente e ridicula esta pertença dos sophistas, para que a epocha actual lhe não voltasse as costas com tedio e desprêso. Mas a cruz jazia por terra, coberta de lodo espadanado contra ella por insensatos: o seu antigo prestigio estava destruido, e os homens passaram muito tempo por ella, sem que houvesse uma intelligencia robusta que ousasse ajoelhar na encrusilhada, e abraçar-se com o symbolo da redempção. Os primeiros que o tentaram tinham por certo grande coração; porque o contrastar o escarneo das turbas é a mais subida prova de esforço. A energia destas almas teve a sua recompensa — a consciencia de haverem contribuido poderosamente para a restauração moral da sociedade — e se o christianismo não triumphou ainda completamente das preocupações vergonhosas do seculo passado, não se carece de grande perspicacia para antever que não tarda o dia em que a Eupa seja outra vez verdadeiramente christã.

O espiritualismo é hoje sem contradicção o aspecto característico da philosophia, como o da eschola, ou antes escholas dos encyclopedistas fôra o materialismo: estes dois systemas, ambos elles orgulhosos por diverso modo, e por diverso modo incompletos, ahí estão frente a frente, ahí luctam desesperados, até que um seja esmagado pelo outro, sorte que, segundo parece, está reservada ao mais velho — o da pura animalidade dos encyclopedistas.

Todos os homens, cujo espirito é mais ou menos cultivado, seguem ou por influencia da auctoridade albeia, ou por meditação propria, uma dessas doutrinas: ambas ellas actuam portanto no character moral das classes elevadas: quanto ás inferiores custa-nos a dizer que um sensualismo brutal predomina nos seus habitos e instinctos; que o materialismo, pouco a pouco expulso do meio daquelles, que primeiro recebem as inspirações de uma civilização progressiva, vai aninhar-se nas tabernas, nos prostibulos, e o que muito é de sentir nas choupanas colmadas. Em mais d'uma, quando a desventura se assenta ao pobre lar do camponez, este, que d'antes se abrigava na resignação, no orar, no derramar lagrymas aos pés da cruz, procura agora o esquecimento na embriaguez, o remedio da miseria no roubo, e até a salvação no suicidio. A incredulidade, ameaçada de desterro nas regiões onde por mais de cincoenta annos imperára como rainha, faz-se fabril e bucolica: senhoril e disputadora ainda ha pouco, torna-se rude, bestial, e grosseira. Quantas vezes temos ouvido sabir de humilde alvergue os sons terriveis de profundo descrêr! — quantas vezes temos respirado o bafo mortal da blasphemia sahido de habitações, onde a unica excepção ás extremas miserias da existencia fôra a esperança! A causa deste afflictivo espectáculo buscai-a na historia dos desvarios dos ultimos oitenta annos: os homens que podiam remediar tanto mal; aquelles que na significação mais extensa da palavra, presidem aos destinos populares, são filhos intellectuaes, são discipulos da Encyclopedia. Todos os meios mais santos, mais suaves, e productivos da felicidade publica — os religiosos, teem sido condemnados no espirito superficial desses homens como perigosos e

inefficazes, e o christianismo, o grande civilizador dos tempos modernos — considerado como um instrumento quebrado e inutil. Assim o povo abandonado a si mesmo, quasi sem culto, e sem pastores, vai perdendo diariamente a sua riqueza moral, a herança de crença e doutrina que lhe haviam legado seus pais. A religião, cujo primeiro alvor começa de novo a despontar no oriente do nosso intimo viver, tão descorado e triste, apenas se entrevê no horisonte das alturas espiritualistas; são, porem, profundas as trévas nos valles e nas planicies rasteiras, onde pousam as nevoas mephyticas de um sensualismo hediondo.

Tal é o estado moral da sociedade: duas philosophias contrárias, que pelejam mais um desses combates travados entre ellas diariamente desde milhares d'annos: as almas nobres lidando em silencio para despertarem do somno estúpido do scepticismo; e o povo dançando tristemente feroz sobre as ruínas do altar e da cruz. Vejamos como esses tres elementos — as duas doutrinas rivaes, e a bruta indifferença da ignorancia se traduzem na vida: procuremos o seu valor na applicação — n'um facto — e comparemos este com o facto analogo como o produzia d'antes, como o produzira ainda hoje, se fosse dominadora entre os homens, a moral divina do Calvario. Aca-reemos o amor dos homens em Deus — a charidade — com o amor dos homens pelas doutrinas das escholas, não das que ensinam a dureza de coração e o egoismo, mas das mesmas que ensinam essa compaixão e humanidade, a que se chama philantropia.

Vêde aquelle edificio: as janellas estão abertas; os espelhos das paredes, os feixos dourados dos umbraes e portas, os adereços de pedras preciosas que adornam as mulheres, custosamente trajadas, refrangem multiplicados os raios de luz derramados dos lustres esplendentes: ouvem-se lá dentro astoadas harmoniosas dos instrumentos, e vozes humanas que modulam cantos voluptuarios: vê-se d'ahi a pouco o turbilhão das danças passar cercado de um ambiente de perfumes, que derramam as essencias e as flores variegadas: os mais delicados manjares, as bebidas mais deliciosas gyram no meio daquella turba que se agita como possuida de loucura febril: o deleite pinta-se em todos os rostos, porque a um tempo ahí o aspiram todos os sentidos; — aspira-o, até, a imaginação, porque muitas vezes lá desabrocha a primeira esperança da corrupção e do adulterio; lá, nessa atmospheria impregnada de seducções, de sensualidades, de delirio, as paixões mais ignobeis reservem e traham despeadas, porque a poesia de que ahí se reveste a vida material e externa faz esquecer ainda ás almas mais generosas e fortes os contentamentos da vida intima; lá, emfim, a propria virtude troca seus brios em languidez, e deixa-se morrer, como o viajante que debaixo da sombra atraçoada da mancenilha sente coar-lhe a morte nas veias, e mal cuida que esse adormecer suave que o consola seja um somno perpetuo.

Esta sala esplendida é uma eschola de perdição, instituida por homens corruptos no meio da sociedade que tocou a meta da decadencia e do desca-ro? É Roma serva que se alevanta do seu pó e renova entre nós os serões vertiginosos de Trimalcião? Nada disso. Se quereis a explicação deste espectáculo, o programma deste ardente festim, entrae em est'outro edificio, onde a custo vedes atravez dos baços vidros de breve janella frouxo luzir de lampada, semelhante a estrella longinqua, vis-

ta atravez de ar chuvoso por fenda rasgada em céu negro. É um conventinho onde ha annos callaram as orações monasticas. Entrae. O dormitorio está em silencio: a lampada, cujo bruxulear enxergastes de longe, pende do tecto no cruzar dos corredores: esses quartos ou cellas estão povoados de infelizes, que recuando ante o aspecto da fome vieram acolher-se á morada destinada para aquelle que não achou quinhão no banquete da vida. Este logar melancholico e pobre é um asylo de mendicidade; aquelloutro, alegre e esplendido, uma sala de baile. A ebriedade do festim nocturno produzirá um bem; alimentará estes velhos e invalidos; foi essa a condição do deleite: as paixões — talvez os vicios — fazem-se humanas, e civilisam-se. É um progresso real; e este progresso — sejamos justos — deve-se á illustração e á philantropia. Ellas tem sabido fazer que propensões e affectos culpados e menos nobres combatam contra outros ainda mais vergonhosos e destruidores; e desses combates tem sabido habilmente tirar vantagens para o bom e honesto. Assim na grande immoralidade das loterias existe pela cubiça uma contribuição espontanea para a infancia abandonada; assim a avareza mata, nas caixas economicas, o jogo, a embriaguez, a gula; assim a grande prostituição dos theatros chega a ser digna de perdão quando o preço d'indecencias vai fazer subsistir os institutos de educação infantil. Agradeçamos tudo isto á orgulhosa intelligencia humana: são estes os mais brilhantes resultados do seu progredir, e, sinceramente o dizemos, se mais não tem feito, é que nunca ella poderá ir mais longé do que a espalhar beneficios materiaes. D'ahi avante só a religião acha senda para caminhar. A generalisação é o caracter das doutrinas da eschola. Estas quando ensinam o beneficio, attendem a uma abstracção — ao homem, não aos individuos. O amor piedoso dos nossos semelhantes chama-se por isso philantropia: o christianismo chamava-lhe caridade. A caridade vinha do coração; a philantropia nasce do entendimento. Hoje os corações estão mortos porque a crença passou: vive a intelligencia porque a excita e cultiva uma civilisação vigorosa.

O christianismo entendia de bem diverso modo o amor da humanidade, porque entre este amor e o genero-humano estava a idéa de Deus. A caridade era affectuosa, modesta e espirital, em quanto a philantropia é dura, ostentosa e grosseira. Entre um e outro systema de bemfazer ha a distancia que vai da philosophia do céu á philosophia terrena. O christianismo sabia que no homem havia espirito e corpo. O christão sabia doer-se de um e d'outro: a sua caridade não era materialista.

Que vale a vossa virtude, filha da civilisação, comparada á que se estribava na fé? Que lucrou o mundo em trocar a humildade sublime dos que buscavam por toda a parte amarguras da alma para consolar, dores physicas para mitigar, pela soberba fastosa daquelles para quem é preciso velar a boa obra com a máscara attractiva das paixões ou do deleite? A vossa beneficencia esquece completamente a vida interior; e era a esta que a beneficencia religiosa dedicava os seus mais ricos thesouros, a sua mais affectuosa compaixão. Vós, que se vos dá das agonias do espirito?

Nessa morada, triste, pobre, silenciosa, e esquecida, reverso negro do quadro brilhante de um baile; nessa mesma habitação do mendigo, que é todavia uma das instituições mais formosas e puras

dos nossos dias, iremos buscar um exemplo. Vereis que a philantropia não suppre a caridade, ou para melhor dizer que a civilisação não suppre o christianismo.

Sobre uma das duras enxergas, infileiradas pelas paredes desses aposentos desadornados, dorme um velho cego, cujo rosto vos encobre a escacez da luz que allumia o dormitorio. Interrompem-lhe a espaços o respirar sereno esses gemidos, que ainda em sonhos a dor moral sabe arrancar das profundezas do coração, sem que os labios se descerrem. Que importa isso á philantropia? Ella deu-lhe pão e uma enxerga. Que importa as chagas avenenadas que lhe lavram lá dentro? — Deu-se-lhe um tecto que o resguarde das injurias do tempo. É o que basta: o cancro interior não se vê.

E todavia se indagardes a historia do cego mendigo achareis que havia ahi alguma infelicidade mais profunda e tremenda, a que fôra necessario applicar, não os soccorros materiaes, mas o balsemo das consolações. Era um homem honesto, a quem a cegueira fez pobre. Duas filhas o alimentavam do producto do seu trabalho: faltou-lhes este um dia — uma semana — um mez —; e a miseria da familia desventurada chegou a extremidade horriavel. Então a devassidão veio em nome da fome bater á porta das que até aquelle momento haviam sido puras, e ellas a seguiram ao prostibulo. As duas arvores frondosas nascidas da raiz do cedro carcomido, e que lhe encobriam a decrepidez com a sua verdura, foram cerceadas, e o sol ardente acabou de mirrar o cedro moribundo. Aquella alma dera em terra nos trances de dilatado morrer. A philantropia passou por lá — e encontrando-o no charco da rua, afastou-o com o pé para o receptaculo caído deste genero de miserias, e depois foi bailar nos suas salas douradas, para que o velho mendigo tivesse um bocado de pão negro para temperar com lagrymas, e um pedaço de saial grosseiro para se cobrir. Era só disto; — era principalmente disto que elle carecia?

Não, mil vezes não! — Mas a civilisação fez o que pôde. Seria loucura exigir impossiveis da philantropia.

O que, porem, fôra para ella impraticavel, falharia sem custo a caridade do christianismo.

A beneficencia, inspirada pela religião, não tem essa triste faculdade de generalisar que para a beneficencia philantropica se converteu n'um principio. Os seus preceitos são universaes e rigorosos em si, mas na applicação tornam-se individuaes e variados. A caridade christã teria cruzado talvez o limiar daquella familia mesquinha, antes que a devassidão houvesse chegado lá, guiada pela mão da fome: teria sido para ella a providencia. Mas quando houvesse vindo tarde para impedir o mal, contentar-se-hia de atirar ao infeliz e abandonado cego um pedaço de pão negro? Oh por certo que não! Teria escutado os gemidos daquella alma atribulada: teria fallado ao desditoso de Deus e da esperanza: teria chorado com elle. Faria mais: procuraria arrancar á devassidão as suas victimas: alcança-lo-hia talvez, e reconstruiria pelo arrependimento a felicidade de uma familia; porque só o mundo, que se crê mais perfeito que o céu, é inexoravel para com aquelle que uma vez errou; a fé, essa tem perdão e esquecimento para o que se converteu. Fôra tudo isto o que fizera a beneficencia christã, e não arrojara o coração despedaçado do velho para um theatro de miserias, onde muitas ve-

zes se misturaram com ellas a colera, os vicios e a desesperação.

O defeito capital de beneficencia, que não se estriba no christianismo, é o esquecimento completo dos affectos humanos: é por isso que despedaça indifferente os santos affectos de familia, para disseminar os individuos na realidade da vida pelos repartimentos e casas dos quadros estatisticos da miseria publica. A paternidade, o amor filial e materno, as saudades do lar domestico, isso não comprehende ella: para tudo e para todos tem asylos e soccorros, menos para a mais importante entidade moral, para a sociedade que é origem de todas as outras, para a familia.

A beneficencia d'hoje conhece apenas a sede, a fome, a nudez: a nossa beneficencia é essencialmente incompleta, porque é materialista.

Condemnâmos nós a sua existencia? Sem duvida não! Abençoâmos, ao contrario, os homens que supprem, como um pensamento mundano póde supprir, o sublime pensamento christão. Mas seja-nos licito deplorar que o orgulho da sabedoria terrena acreditasse que em si tinha recursos que tornassem inutil a eterna e insondavel sabedoria do evangelho: seja-nos licito saudar a aurora desse dia que já rompe no horisonte; em que a cruz triumphante se hasteará de novo sobre o mundo, para abrigar e consolar outra vez com a sua sombra divina todo o genero de desventuras.

(A. Herculano.)

EXTRACTO DO CAP. 1.º DO St.º EVANGELHO,
SEGUNDO S. JOÃO (1).

«João (2) delle testificou e clamou dizendo: Este era aquelle de quem eu dizia; o que vem apoz mim é antes de mim, porque era primeiro que eu.

E de sua plenidão recebemos todos tambem graça por graça.

Porque a lei foi dada por Moysés; a graça, e a verdade foi feita por Jesu-Christo.

A Deus nunca ninguem o viu: o Unigenito Filho, que está no regaço do Pae, elle no-lo declarou.

E este é o testemunho de João, quando os judeus mandaram alguns sacerdotes e levitas de Jerusalem, que lhe perguntassem: Tu quem és?

E confessou e não negou; e confessou: Eu não sou o Christo.

E perguntaram-lhe: Quem pois? És tu Elias? e disse: Não sou.— És tu propheta? e respondeu: Não.

Disseram-lhe pois: Quem és? Para que dêmos resposta aos que nos enviaram: que dizes de ti mesmo?

Disse: Eu sou a voz do que clama no deserto; endereçai o caminho do Senhor; como disse o propheta Isaias.

E os enviados eram dos phariseus.

E perguntaram-lhe e disseram-lhe: Porque pois baptisas, se tu não és o Christo, nem Elias, nem propheta?

João lhes respondeu, dizendo: Eu baptiso com agua: mas em meio de vósoutros está a quem vósoutros não conheceis.

Este é aquelle que vem apoz mim, o qual já foi

(1) Seguimos aqui a versão de João Ferreira d'Almeida, mais antiga e muito menos conhecida que as dos PP.ªs Pereira e Sarmiento.

(2) O Baptista fallando do Redemptor.

antes de mim, do qual eu não sou digno de lhe desatar a correa da alparca.

Estas cousas aconteceram em Bethabara, da outra banda do Jordão, onde João estava baptizando.

O seguinte dia, viu João a Jesus vir a elle, e disse:



Vêdes aqui o Cordeiro de Deus, que tira o peccado do mundo.

Este é aquelle, do qual eu disse: Apoz mim vem um Varão, que já foi antes de mim; porque já era primeiro que eu.— *Et reliqua.*

A MEDITAÇÃO NO PROMONTÓRIO.

[Fragmentos de um livro inédito.]

I.

ERA por uma destas noites vagarosas do inverno, em que o brilho de um céu sem lua é vivo e tremulo; em que o gemer da selva é profundo e triste; em que a soledade das praias e ribas fragosas é absoluta e tétrica.

Era a hora em que o homem está recolhido nas suas mesquinhas moradas; em que pelos cemiterios o orvalho se pendura do topo das cruces, e sósinho goteja das bordas das campas; porque a saudade da viuva e do orpham, a desesperação da amante, o coração despedaçado do amigo tinham tido pavor das larvas da imaginação, e das influencias morbificas do rocio nocturno! Para se consolarem, os infelizes dormiam tranquillos em seus leitos macios! ... em quanto os vérmes do sepulchro roiam o cadaver do extinto, amarrado á sua cama de marmore pelo grilhão da morte chumbado nos seios da pedra. Hypocritas dos affectos humanos, o somno enchugou-vos as lagrymas!

E depois, as lousas eram já tão frias! Debaixo de um torrão humido o sudario do cadaver tinha apodrecido com elle.

Haverá paz no tumulto? Deus o sabe. Para o que ahí repousa sei eu que ha na terra o esquecimento!

Os mares pareciam naquella hora recordar-se ain-

da do rugido harmonioso do estio, e a vaga arqueava-se, rolava, e espreguiçando-se pela praia, reflectia a espaços nas golfadas d'escuma a luz indecisa dos céus!

E o animal que ri e chora, o rei da criação, a imagem da divindade, onde é que se esconderá?

Tremia de frio em aposento cerrado, e sentia confrangido a brisa fresca do norte, que passava nas trévas, e sibilava contente nas çarças rasteiras dos maninhos desertos.

Sem dúvida o homem é forte, e a mais excellente obra da criação! Gloria ao rei da natureza, que tiritando geme.

Orgulho humano, qual és tu mais? — feroz, bestial ou ridículo?

II.

... Era, pois, n'uma destas noites em que a terra, envolta no seu manto d'escuridade, se povoa de terrores incertos; em que o sussurro do pinhal é como um côro de finados, o despenho da torrente como um ameaçar d'assassinos, o grito da ave nocturna como uma blasphemia do que não cre em Deus.

Nessa noite fria e humida, arrastado por agonia íntima, vagava eu ás horas mortas pelos alcantis escavados das ribas do mar, e enxergava ao longe o vulto negro das aguas balouçando-se no abysmo que o Senhor lhes deu para perpetua morada.

Por cima da minha cabeça passava o norte agudo. Eu amo o sopro do vento, como o rugido do mar:

Porque o vento e o oceano são as duas unicas expressões sublimes do verbo de Deus, escriptas na face da terra quando ainda ella se chamava o cahos.

Depois é que surgiu o homem e a podridão, a arvore e o vérme, a bonina e o emmurhecer.

E o vento e o mar viram nascer o genero-humano, crescer a selva, florescer a primavera; — e passaram, e sorriram-se.

E depois viram as gerações reclinadas nos campos do sepulchro; as arvores derribadas no fundo dos valles sêccas e carcomidas; as flôres pendidas e murchas pelos raios do sol do estio; — e passaram, e sorriram-se.

Que tinham elles, de feito, com essas existencias mais passageiras e incertas, que as correntezas de um, e as ondas buliçosas do outro?

III.

O mundo actual nunca poderá entender plenamente o affecto, que vibrando-me dolorosamente as fibras do coração me arrastava para as solidões marinhas do promontorio, quando os outros homens nos povoados se apinhavam á roda do lar acceso, e fallavam das suas magoas infantis, e dos seus contentamentos de um instante.

E que me importa a mim isso? Virão algum dia homens que comprehendam a minha alma, e as palavras que ahí lhes ficam escriptas.

Arrastava-me para o ermo um sentimento íntimo: o sentimento de haver acordado, vivo ainda, deste sonho febril chamado vida, e de que hoje ninguem acorda senão depois de morrer.

Sabeis pois o que é este despertar de poeta?

É o ter entrado na existencia com um coração que trahorda d'amor sincero e puro por tudo quanto o rodêa, e ajuntarem-se os homens, e lançarem-lhe dentro do seu vaso d'innocencia lodo, fel, e peçonha, e depois rirem-se d'elle:

É o ter dado ás palavras virtude, amor patrio, e gloria uma significação profunda; e depois de haver buscado por annos a realidade dellas neste mundo, só encontrar ahí — hypocrisia, egoismo, e infamia:

É o perceber á custa de amarguras que o existir é padecer, o pensar descrer, o experimentar enganar-se, e a esperanza nas cousas da terra uma cruel mentira de vãos desejos, um fumo tenue, que ondea em horisonte áquem do qual está assentada a sepultura.

Este é o acordar do poeta. Depois disso, nos abysmos da sua alma só ha para mandar aos labios um sorriso de desprezo em resposta ás palavras mentidas dos que o cercam, ou uma voz de maldição desabridamente sincera para julgar as acções dos homens.

É então que para elle ha unicamente uma vida real — a íntima; unicamente uma linguagem intelligivel — a do bramido do mar e do rugido das ventanias; unicamente uma convivencia não travada de perfidia — a da solidão.

IV.

Tal era eu quando me assentei sobre as fragas: e a minha alma via passar diante de si esta geração vaidosa e má, que se cre grande e forte, porque sem horror derrama em luctas civis o sangue de seus irmãos.

E o meu espirito se atirava para as trévas do passado.

E o sópro rijo do norte me affagava a fronte requemada pela amargura, e a memoria me consolava das dissoluções presentes com a aspiração suave do formoso e energico viver d'outrora.

E o meu meditar era profundo como o céu que se arquêa immovel sobre nossas cabeças; como o oceano, que, firmando-se em pé no seu leito insondavel, braceja pelas bahias e enseadas, tentando esmigalhar e desfazer os continentes.

E eu pude emfim chorar.

V.

Que fóra a vida se nella não houvera lagrymas?

O Senhor estende o seu braço pesado de maldições sobre um povo criminoso: o pai que perdoára mil vezes converte-se em juiz terrivel; mas ainda assim a Piedade não deixa de orar junto aos degraus do seu throno.

Porque sua irman é a Esperança, e a esperanza nunca morre nos céus. De lá ella desce ao seio dos máus antes que sejam précitos:

E os desgraçados na sua miseria conservam sempre olhos que saibam chorar.

A dôr mais tremenda do espirito quebrantam-na e entorpecem-na as lagrymas.

O Sempiterno as creou quando nossa primeira mãi nos converteu em réprobos: ellas servem, porventura, ainda de algum refrigerio lá nas trévas exteriores, onde ha o ranger dos dentes.

Meu Deus, meu Deus! — Bemdito seja o teu nome porque nos dêste o chorar.

VI.

O disco esplendido do astro do dia começa a surgir do meio dos mares, balouçando-se tremulo sobre o collear das ondas.

Eu não te amo, oh sol, que alagando com os turbilhões dos teus raios esta terra condemnada, te

assemelhas ao homem cruel que vai dar uma risada junto ao leito do moribundo.

E porque te havia de amar se tu és o inimigo dos sonhos da imaginação; se tu nos chamas á realidade, e a realidade é tão triste?

Pela escuridão da noite, nos logares ermos, e ás horas mortas do alto silencio, a phantasia humana é mais ardente e robusta.

É então que ella dá movimento e vida aos penhascos, voz e entendimento ás selvas, que se meneam e gemem á mercê da brisa nocturna.

É então que ella collige as suas recordações; une, parte, transmuda as imagens das existencias que viu passar ante si; e estampa nas sombras que a rodeam um universo transitorio, mas para ella real.

E é bello esse mundo de phantasmas aereos, por entre cujos labios descorados não transpira nem perjurio nem dobrez, e a cujos olhos sem brilho não assoma o reflexo de animos prostituidos.

Ahi ha o repouso, a paz, e a esperança, que desapareceram da terra; porque o mundo das visões cria-o a mente pura do poeta: ella dá ser e vulto ao que já é só ideal; e o passado deixando cabir o seu immenso sudario, ergue-se em pé, e pondo-se ante o que medita, lhe brada — «aqui estou eu!»

E este o compara com o presente, e recua d'involuntario terror:

Porque o cadaver que se alevanta do pó é formoso e santo; e o presente, que vive, e passa, e sorri, é horrendo e maldito.

E o poeta atira-se chorando ao seio do cadaver, e diz-lhe — «esconde-me tu!»

É lá que esta alma, arida como a urze da charneca no estio, sente, quando ahí se abriga, refresca-la um como orvalho do céu.

A ti, oh promontorio escalfado, cuja fronte nua varre a procella, e que te penduras sobre o abysmo mysterioso das vagas; a ti é que eu hei-de amar sempre!

(A. Herculano.)

ROTEIRO DE D. JOÃO DE CASTRO EM 1538.

(Conclusão).

Do *Prologo* se vê claramente que os fallados *Commentarios* de D. João de Castro não são obra diferente dos seus *Roteiros*: e se corrige um lugar de Jacinto Freire [L.º 1.º n.º 16], quando affirma que D. João passou a primeira vez á India *com praça de soldado*, sendo pelo contrario aqui mui bem expresso que ia por capitão de uma nau; o que já estava advertido e emendado nas notas, com que um sabio academico, e preclarissimo prelado enriqueceu a obra de Jacinto Freire na edição publicada pela Academia em 1835.

O *Roteiro* começa assim: — «sabbado seis dias «do mez d'abril de 1538 nos fizemos á vella de Bellem; o vento era de todo calma, mas ajudando-nos «a maré, e alguns bateis, que nos ião rebocando, «fomos surgir entre S. Gião e Santa Catharina.» — E acaba com estas palavras: — «Quarta feira onze «de setembro até horas de vespera foi o vento calma, e dahi começou a viração muito bonança, e «logo nos fizemos á vella; duas horas da noite surgimos na barra de Góa, mais por a bondade de «Nossa Senhor, que por nossos merecimentos, arte, «e saber; onde se acabou a nossa viagem, e este «livro. — *Laus Deo.*»

O quanto D. João de Castro sabia temperar a na-

tural secura da narração de observações astronomicas, e das descripções cosmographicas com a amenidade de uma escolhida erudição, já será patente aos que tiverem lido o *Roteiro do Mar roxo*; e receberá nova confirmação do que ácerca dos dous archipelagos, das Canarias, e Cabo Verde, escreveu neste nosso *Roteiro*, e aqui pomos, por nos parecer que não será leitura ingrata.

Descripção das ilhas das Canarias.

Chamâmos Canarias a umas ilhas postas no mar atlantico, em a altura de 26 gráus até 28 gráus: correm-se as quatro dellas mais chegadas a terra lesnordeste e oessudoeste, e as tres mais ao mar jazem em triangulo. A mais proxima a terra apartar-se-ha do cabo de S. Vicente, em outro tempo chamado *Sacro promontorio*, obra de 160 leguas, e esta se chama hoje *Lançarote*, e a mais do mar dista do mesmo promontorio por espaço de 240 leguas, e por ilha do *Ferro* hoje este dia dos mareantes e peregrinos é conhecida. A estas ilhas antigamente chamaram *bemaventuradas*, e morada dos deuses, como parece em *Ptolomeu*, *Plinio*, *Pomponio Mella*, e outros gravissimos auctores, mas todos elles escreveram mui confusamente o sitio, confrontação, e altura dellas. Esta foi a terra mais occidental, que chegou á noticia dos antigos, e por ella lançou *Ptolomeu* o meridiano, a que chama *vero*, do que me parece que nasceu o engano de alguns pilotos cuidarem que na paragem destas ilhas não variam as agulhas cousa alguma. E postoque seja cousa commum a todos serem estas ilhas das Canarias as *bemaventuradas*, o meu parecer é que *Ptolomeu* sentiu outra cousa, e chamou *bemaventuradas* ás seis ilhas do Cabo Verde, que estão mais orientaes de todas. A razão disto é que pôz seis ilhas *bemaventuradas*, que é o numero destas, que viu; e na levação do polo guardou muito a conformidade e semelhança, porque a mais septentrional de todas, a que chama *Aprosyto*, põe em altura de 16 gráus, na qual altura está a ilha do *Sal*, e á mais austral das *bemaventuradas* põe em dez gráus, e chama-lhe *Pinctuaria*, que per razão da altura parece ser a ilha do *Fogo*, postoque as alturas variem tres gráus; e assi mesmo põe *Ptolomeu* estas ilhas *bemaventuradas* debaixo de um meridiano, como jazem parte destas seis ilhas do Cabo Verde. E se esta não foi a tenção de *Ptolomeu*, as suas taboas nesta parte vão de todo o ponto fóra de razão, porque as Canarias, e as ilhas, que elle chama *fortunadas*, se bem olharmos o sitio, altura, rota, e longura, de umas e outras, veremos claro não poderem as *bemaventuradas* ser as que agora chamâmos Canarias: e porrem de todas as outras escripturas dos cosmographos se pôde facilmente tirar serem as Canarias as ilhas *bemaventuradas*, e sómente *Ptolomeu* se embarçar no conhecimento dellas. Estas ilhas das Canarias foram descobertas e conquistadas no tempo d'elrei D. Fernando o quinto de Castella É cousa muito para notar que sendo estas ilhas tão visinhas, os moradores de uma não tinham conhecimento dos que viviam na outra. Os canáreos viviam sem casas; mas em covas e choupanas passavam sua vida; adoravam um só deus; tinham linguagem, que elles só entendiam; por armas usavam uns páus agudos; é gente bellicosa e soffredora de muito trabalho; correm e saltam pelas montanhas e logares asperos como a outra gente o pôde fazer por terra chã; e assi trepam por as rochas, como cabras. Estas ilhas, postoque cada

uma dellas tenha nome proprio, todas em geral são chamadas as Canarias, por rasão de em uma dellas nascerem grandes e poderosos cães, como se parece em Plinio, livro 6.º de sua *Cosmographia*: a terra destas ilhas é mui abastada de toda a sorte de mantimentos e gados, os ares mui são, e grandemente temperados.

Descripção das ilhas do Cabo Verde.

O Cabo Verde, ao que posso comprehender, é o promontorio, a que Plinio e Pomponio chamam Hesperionceras. Estas ilhas são as insulas Gorgonas, morada das Meduseas, e o mar, que lava estas terras, o golfo hesperio. A causa de isto assi haver de ser, são as palavras de Plinio [livro 6.º cap. 31], que dizem desta maneira = deste promontorio se começa a frontaria das terras a virar ao occidente e mar atlantico, e direito d'elle estão as ilhas Gorgonas, espaço de duas jornadas navegando = que quer dizer, duas singraduras. E por quanto as seis ilhas do Cabo Verde, que estão mais orientaes das outras, distam do mesmo Cabo por 70..80 leguas, que são duas singraduras de vento galerno, a que Plinio chama jornadas, parece que fica claro o Cabo Verde ser o promontorio Hesperionceras, e as ilhas, que se lhe oppõem, a saber, que se chamam do Cabo Verde, insulas Gorgonas, morada das Meduseas. E faz muito a este proposito sabermos que das Canarias, ou ilhas bemaventuradas, para o sul não ha outras ilhas senão estas, para que digamos que possam ser as Gorgonas; nem outro promontorio mais illustre, que este do Cabo Verde, e que com tanta rasão possa ser o Hesperionceras. Porem se houvermos de conjecturar estas conferencias pollas taobas de Ptolomeu [taboa 3.ª da Africa], olhando á altura, e longura do promontorio Hesperionceras, parecer-nos-ha have-lo então de ser a ponta da serra Leóa, com tanto que as ilhas do Cabo Verde, ou Gorgonas, sejam as fortunadas, o que não é rasão, porque em tal caso as nossas alturas e longuras se conformam com as de Ptolomeu, as quaes alturas e longuras ficam mui differentes, fazendo das Canarias as ilhas bemaventuradas, como é justo, e opinião commum, Assi que nesta parte não devemos estar por Ptolomeu, nem é honesto poder-se cuidar que estas ilhas do Cabo Verde sejam as fortunadas, como quer que a esterilidade dellas, e destemperança do ar sejam de todo o ponto contrarias ao que se esereve da fertilidade e suavissimos ventos e ares das fortunadas, as quaes qualidades se acham nas Canarias. Destas ilhas do Cabo Verde 370 leguas a loeste passa o meridiano, que determina a conquista e navegação de todo o universo entre os reis de Portugal e Castella, a saber, 180 gráus deste meridiano para o oriente é dos reis de Portugal, e outros 180 para a parte do occidente dos reis de Castella. Esta quantia de gráus e caminho, que pertence a Portugal, até o dia de hoje não são acabados de navegar, porque as armas dos portuguezes sómente são mostradas aos povos da China e Moluco, ficando-lhe ainda muitos caminhos para fazer pelo oriente dentro, até chegarem ao fim e termo dos 180 gráus, que per direito lhes pertence.

Os curiosos de contrastes e mysterios não deixarão de observar a sorte singular destes Roteiros, em irem sahindo á luz na ordem inversa da sua composição.

Que é feito do 2.º Roteiro da costa da India, de

que D. João de Castro falla repetidas vezes no de Góia a Diu, que é o 1.º daquella costa?

J. H. da Cunha Rivara.

Curso elementar d'Agricultura, de Mr. Raspail, traduzido e annotado pelo Sr. Dr. A. J. de Figueiredo e Silva. — Tratado 5.º e ultimo. Economia rural.

Logo que se annunciou a vulgarisação desta obra, que versa sobre tão ponderosa doutrina, como são os preceitos geraes porque se governa a Agricultura, tratámos de a inculcar aos nossos leitores. Vide Panorama, N.º 167 [de 1840]. Dos primeiros tratados, a começar pelo da Lavoura, démos especial noticia; e tivemos o prazer de ver posto em corrente e limpa linguagem portugueza um livro que em França mereceu notaveis elogios. É incontestavelmente um dos meritos do nosso traductor o cuidado que lhe mereceu a lingua, que com a maior semrasão desprezam muitos, que para abi trasladam obras puramente litterarias, com tanto menor desculpa quanto é sem comparação mais facil a sua tarefa, não tendo que attender a terminologia particular, nem á concisão e perspicuidade d'estilo, que em obras didacticas são requeridas sem prejuizo da indispensavel clareza.

De todos os tratados, este da Economia rural é o de mais geral applicação, quasi que não precisa do estudo de inducções e comparações: até para facilitar mais o seu uso, ajuntou-lhe o traductor notas proficuas, contendo, entre outros objectos, o methodo simples para o lavrador formar suas contas, a redução de nossos pezos e medidas ás unidades do moderno systema francez; no corpo da obra, onde convinha, tinha feito as reduções á nossa moeda. — Abrange o tratado — 1.º o que diz respeito ás habitações agricolas, e aos apriscos e accommodações dos animaes domesticos; — 2.º o que é concernente aos capitaes para grangeio de uma fazenda, e á sua contabilidade; — 3.º quanto convem saber-se ácerca da criação dos gados em geral e em especial, e melhoramentos das raças, sem desprezar algumas noções veterinarias. — 4.º trata do mel, dos lacticinios, das farinhas, e das bebidas fermentadas: em summa afóra muitas cousas uteis, remata com excellentes corollarios d'economia publica e rural, que aos interessados muito cumpre estudar.

Intenta o mesmo Sr. Dr. Figueiredo em seguida a este curso publicar os = *Annaes d'Agricultura* = por quadernos mensaes, para que este ramo importantissimo tenha seu particular representante em a imprensa portugueza, como já osteem outras sciencias, por exemplo — as medicas: — louvavel é seu empenho, e por isso dámos em substancia o seu programma. — Terá pois por fim — «Instruir os lavradores portuguezes ácerca do estado actual e subseqentes progressos da Agricultura nos paizes mais adiantados; bem como sobre o que nas outras artes e sciencias lhe disser immediato respeito. — Registrar quaesquer descobertas, observações e ensaios feitos no nosso paiz; para o que se accita e se agradece a collaboração de todas as pessoas competentes. — Advogar os interesses da classe agricola, propondo, discutindo e vulgarizando quaesquer alvitres, que possam concorrer para o augmento de sua prosperidade. — Publicar as noticias, que chegarem ao conhecimento da redacção, bem como todos os actos do poder executivo, projectos de côrtes &c., que d'algun modo vão influir na sorte do lavrador portuguez.»